SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA, 4., 2019. **Anais...** Porto Velho: Centro Universitário São Lucas, 2020. v. 3. ISSN: 2675-1127

COMBATE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Poliana Dalla Vecchia de MATTOS[1]; Ketelyn Ferreira PIMENTEL[1]; Giovana Santos DALPUPO[1]

1. Centro Universitário São Lucas Porto Velho

Toda ameaça que atinge a integridade da mulher, seja de forma física, sexual, moral, patrimonial ou psicológica e que está relacionada ao fato de a vítima ser submetida à isso apenas por ser mulher, é considerada violência de gênero feminino. Segundo o Mapa da Violência de 2015, os números de feminicídios no Brasil chega a 4,8 para cada 100 mil mulheres, no mesmo ano foi registrada uma média de 179 relatos por dia no serviço de denúncia 180. Nessa perspectiva, a importância desse artigo se acentua quanto a necessidade de uma reflexão do Estado e da sociedade em geral, para criar estratégias de combate a violência causados às mulheres. O método utilizado foi a análise de interpretação dos textos pesquisados na internet, análise de discussão entre as autoras e também qualitativos e qualitativos em relação a artigos e pesquisas já publicados. Em sua grande maioria, os registros estão relacionados à violência doméstica, ou seja, o abuso por parte de uma pessoa contra a outra num ambiente doméstico. Geralmente a agressão vem por parte de conhecidos, sendo os parceiros, os pais, os irmãos os e ex- companheiros os principais agressores. Tal conjuntura evidencia o grave problema de violência contra a mulher na sociedade brasileira. Durante muito tempo, por questões culturais, a esfera pública foi separada da esfera privada, porém hoje percebe-se que por ser algo que atinja grande parte do grupo feminino e por não se tratar de um fato isolado, mas sim de uma realidade no cotidiano de muitas, tal problema deve ser deixado de ser visto como "problema de casal" e passar a ser tratado como social, pois além de diversos danos causados as mulheres, muitos deles terminam em assassinato. Assim como cita a jornalista Carol Hanish, que usou o slogan "o pessoal é político" podemos entender que aquilo que se vive no privado tem relação direta com o que se vive em sociedade, levando a compreensão de que é necessário que haja questionamentos, mas acima de tudo, resultados com mudanças eficientes a fim de diminuir e/ou eliminar tal problema. Nessa premissa, cabe refletir sobre quais os fatores que levam as mulheres a se manterem omissas mediante tal violência e não denunciarem seus agressores. A dependência financeira é um dos motivos, visto que por uma percepção cultural, pensam não ter possibilidade de se autogovernar e aceitam a imagem da doutrina patriarcal imposta pela nossa sociedade, naturalizando e minimizando os danos causados pela violência. O outro fator é a relação afetiva, sendo que a maioria dos agressores são cônjuges ou familiares, muitas vítimas acabam distorcendo os fatos, vivendo em um estado de negação acreditando que tal situação não voltará a se repetir, dessa forma a violência cresce multifacetada e quando a vítima perceber que está sendo violentada, na maioria dos casos, o problema já estará no estágio mais crítico. O medo do agressor e a falta de apoio da sociedade são pontos relevantes também. As leis ineficazes ainda são as principais causas da mudez. A Lei Maria da Penha, que foi aprovada desde 2006, ampara e protege as mulheres contra tal ameaça, entretanto ainda existem muitas brechas que tornam a lei em

muitas situações falha e sem credibilidade. Delegacias especializadas e casas de apoio insuficientes e fechadas nos finais de semana são exemplos de falhas. No ano de 2015 a Lei 13.104/ 2015 classificou o feminicídio como crime hediondo, aumentando as penalidades e trazendo mais rigidez a esse tipo de crime, todavia a preocupação deve ser focada na prevenção, pois mesmo pegando uma pena mais dura, o assassino não devolveria a vida de sua vítima. Então, quais as políticas que realmente combatem a violência e como mudar esse cenário? Mudanças econômicas com incentivo "primeiro emprego" feminino, cursos profissionalizantes, a desburocratização nos pedidos de divórcio, apoio psicológico agilizado tornam as decisões mais seguras, mas é imprescindível a conscientização para que a cultura oculta do patriarcado seja extinta, levando consigo as desigualdades de gênero ainda fortes na sociedade. No entanto, vale ressaltar que a percepção do homem com relação ao papel da mulher em sociedade precisa ser remodelada, as leis precisam ser severas e acima de tudo a mulher precisa entender o tamanho da sua força e importância, pois não devem ser silenciadas, em razão de que seu silêncio não a protege da violência, mas em vários casos, encurta o caminho. A relevância do poder da fala é cada vez mais evidenciada, pois a cada tentativa, mesmo que fracassada a mulher solta mais sua mordaça.

PALAVRAS-CHAVES: Violência. Mulher. Cultura. Feminicídio. Sociedade.